

Conhecimento e Vida: uma análise do aforismo “Origem do conhecimento” na obra *A gaia ciência* de Friedrich Nietzsche

Paulo Rogério da Rosa Corrêa¹

Resumo: O ensaio tem por objetivo analisar a relação entre conhecimento e vida no aforismo “Origem do conhecimento” de *A gaia ciência*. Friedrich Nietzsche identifica que, num primeiro momento, o intelecto produziu erros ao longo do tempo. Contudo, muitos erros tornaram-se úteis para a preservação e perpetuação da espécie. Os erros advêm do fato do intelecto humano ter que fornecer respostas que passavam pela lógica da utilidade e do controle sobre a natureza. Dessa forma, o múltiplo e o fluído precisaram ser estancados e transformados em uno e imóvel. O diverso precisou ser igualado, o bom “para mim” foi transformado em bom “em si”, etc. Para Nietzsche os erros condicionaram psicofisiologicamente o homem e penetraram no interior da filosofia. O aforismo “Origem do conhecimento” nos coloca em condições de pensar sobre afastamentos e rupturas em relação à tradição filosófica clássica, como por exemplo: a recusa da cisão entre sujeito e objeto e profusão de impulsos e instintos, e não a verdade, que tomam parte na construção do conhecimento. Para o filósofo alemão a verdade aparece mais tarde como a forma menos forte de conhecimento a partir do desenvolvimento do ceticismo. Nesse momento Nietzsche parece identificar o surgimento de algo novo na relação entre conhecer e viver que é a profusão de impulsos contrários que começam a tomar partido e anseiam por domínio. Ao fim do aforismo Nietzsche sugere uma inversão na questão do conhecimento. Não mais este como meio de vida, mas a vida como meio de conhecimento. Tal fato torna-se possível através da experimentação.

Palavras-chave: Conhecimento, vida, impulsos, verdade

Introdução

O aforismo “Origem do conhecimento” (“*Ursprung der Erkenntniss*”) de *A gaia ciência* insere-se no debate no qual Nietzsche busca apontar os limites da ciência, bem como, dos valores responsáveis pela sua edificação ao longo do tempo. É a partir desse registro que deve ser compreendido o ataque desferido pelo filósofo contra a racionalidade, contra a metafísica e contra a verdade (“*Wahrheit*”) como a força motriz no conhecimento. É no bojo dessa crítica que Nietzsche apresenta sua concepção de conhecimento e de como ele deve se relacionar com a vida. Nesse entendimento o artigo tem por objetivo analisar a relação entre conhecimento e vida (“*Leben*”) como uma coluna de sustentação do aforismo 110. Como inflexão ao objetivo principal ressalta-se a necessidade de apontar algumas das inúmeras

¹ Mestrando em Filosofia na UFPel. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6345220848531302>. E-mail: rogeriocorreafil@gmail.com

rupturas que a concepção de conhecimento apresentada por Nietzsche acarreta em relação ao entendimento clássico, ainda que nesse espaço nos furtemos a visitar os autores da tradição.²

É preciso salientar, entretanto, que a problematização de Nietzsche sobre o conhecimento não se inicia e nem se encerra em *A gaia ciência*. Ela perpassa igualmente as inúmeras obras e os inúmeros períodos do autor como por exemplo, *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, de 1873. Na obra da juventude são conhecidas passagens nas quais Nietzsche se refere ao conhecimento: “Em algum remoto rincão do universo [...] havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’” (NIETZSCHE, 2000. §1. p.53). Na obra da juventude já se avizinhava o caráter crítico a respeito do conhecimento. Contudo, é em *A gaia ciência*, de 1882, que a articulação entre verdade, conhecimento e vida vem acompanhada da crítica aos limites da ciência, da racionalidade, da consciência, da linguagem, etc. e ganha, assim, uma coloração própria e original dentro do pensamento de Nietzsche.

Visando analisar o aforismo a “Origem do conhecimento” procederemos através de uma leitura imanente do texto nietzschiano. Isto é, desvelando os movimentos e os encadeamentos lógico-conceituais feitos pelo autor. Dessa forma, o corpo do artigo centrar-se-á na relação entre conhecimento, verdade e vida e seus diversos tensionamentos e embates, sobretudo, assinalaremos as rupturas que a concepção de conhecimento proposta por Nietzsche encampa.

O primeiro movimento textual de Nietzsche aponta para a ligação entre conhecimento e preservação da espécie. Em ruptura com o entendimento clássico o filósofo alemão aponta que o conhecimento não busca a verdade. É antes, um processo psico-fisiológico de impulsos (“*Triebe*”) e instintos (“*Instinkte*”) que visam à conservação da espécie num ambiente hostil. Assim, nesse processo o intelecto produziu erros (“*Irrthümer*”) ao longo do tempo. Contudo, os erros, nesse momento, não estão contra a vida. Ao contrário, muitos deles tornaram-se úteis para a preservação e perpetuação da espécie. É preciso, dessa forma, entender porque o intelecto produziu erros e porque muitos deles se revelaram úteis à conservação da vida. Naquilo que pensa Nietzsche os erros passam pelo fato do intelecto humano ter que fornecer respostas que tangenciam a lógica da utilidade e do controle sobre a natureza. Dessa forma, toda vez que o homem se defrontou com o múltiplo, com o fluído, com o plural ele precisou entender como sendo uno, estanque e imóvel. Assim, o diverso precisou ser igualado, o bom

² Entenderemos por tradição filosófica os clássicos da filosofia grega: Sócrates, Platão e Aristóteles, os medievais: Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, bem como Descartes na modernidade. Esse debate, contudo, será apenas apontado. Não é nossa pretensão visitar os autores da tradição a fim de verificar a procedência das críticas de Nietzsche.

“para mim” precisou ser transformado em bom “em si”, etc. Nesse processo Nietzsche assinala que o conhecimento aconteceu prescindindo da verdade. Somente mais tarde aparecerá a verdade como a forma mais fraca de conhecimento, como fruto do desenvolvimento do ceticismo e com o crescente questionamento aos antigos erros. No entanto, é nesse preciso momento que tem lugar uma luta intestina entre os impulsos que tomam partido na luta pelas verdades. Impulsos com um poder em continuo crescimento, fazendo parte da vida e revelando-se úteis para a sua conservação.

Na parte final do artigo analisaremos um segundo movimento textual operado por Nietzsche. Qual seja: a vida como de conhecimento (“*Das Leben ein Mittel der Erkenntnis*”) (NIETZSCHE, 2012. §333. p.195). A proposta do filósofo alemão passa por uma inversão na lógica do conhecimento. Se num primeiro momento o conhecimento foi um meio de vida. Ou seja, para se conservar a vida precisou instrumentalizar o conhecimento a seu favor. A questão a ser posta, num segundo momento, é a vida como um meio de conhecimento. O desenvolvimento do ceticismo e a participação dos impulsos na luta pela verdade colocaram na ordem do dia uma nova possibilidade: não mais o conhecimento como meio de vida, mas a vida como meio de conhecimento. É no bojo de tais questões que Nietzsche faz uma pergunta de severa gravidade: “Até que ponto a verdade suporta ser incorporada?” (NIETZSCHE, 2000. §110. p.185). A resposta passa pela experimentação. Visando, problematizar o questionamento de Nietzsche traremos ao artigo o aporte de outros aforismos, todos presentes em *A gaia ciência*.

Desenvolvimento

A tese central do aforismo “Origem do conhecimento” é a relação entre conhecimento e vida. O filósofo alemão vai apresentá-la por diversos movimentos no texto relacionando conhecimento (intelecto) e conservação da espécie:

O intelecto, através de desconhecidos lances de tempo, não engendrou nada além de erros; alguns deles resultaram úteis e conservadores da espécie: quem topou com eles ou os recebeu como legado combatia seu combate por si mesmo e por sua prole com a maior felicidade. (NIETZSCHE, 2012. § 110. p.184).

O intelecto produziu erros (“*Irrthümer*”) durante enormes intervalos de tempo. A afirmação contundente de Nietzsche abre o aforismo e põe sobre suspeição a concepção clássica que associa conhecimento (intelecto) e verdade. No entender do autor de *A gaia ciência* o intelecto produziu erros durante enormes intervalos de tempo. Contudo, é preciso assinalar que os erros do intelecto não decorrem de uma insuficiência cognitiva ou de uma falha metodológica no processo de apreensão da realidade. De alguma forma são erros necessários para a sobrevivência da espécie. Num primeiro momento os erros não estão em oposição à vida. Não são erros limitantes à vida. Ao contrário, muitos deles foram úteis para a conservação e perpetuação da espécie e quem os recebeu por meio da herança e da tradição teve maior êxito na luta, tanto por sua sobrevivência, quanto pela sobrevivência de sua prole. Os erros são chamados de “artigos de crença” que continuamente herdados pela humanidade transformaram-se em “patrimônio fundamental da espécie humana”. Os erros identificados por Nietzsche são: “Que há coisas que duram, que há coisas iguais, que há coisas, matéria, corpos, que uma coisa é como aparece, que nosso querer é livre, que o que é bom para mim também é bom em e para si”.³ (*Idem; Ibidem*).

Pensar sobre os erros enumerados por Nietzsche, que se tornaram quase o “espólio e o fundo comum da humanidade” (*Idem; Ibidem*), passa pela identificação de duas questões fundamentais: a relação do homem com a natureza e a incorporação destes pela tradição filosófica. A primeira questão remete à luta pela sobrevivência. Num ambiente hostil e de carência permanente o intelecto humano tinha que fornecer respostas que passavam pela lógica da utilidade e do controle sobre a natureza. Dessa forma, aquilo que é múltiplo, fluído, etc. precisou ser estancado, transformado em uno, imóvel, etc. O diverso precisou ser igualado, o bom “para mim” transformado em bom “em si”, etc. O conhecimento antes de qualquer outra coisa era um meio de vida, uma necessidade subjacente à vida sem o qual a humanidade teria perecido. O intelecto humano precisou, assim, estabelecer essa manobra

³ Nos limites desse artigo não temos condições de discutir em separado cada um dos “erros” apontados por Nietzsche. Interessa-nos, sobretudo, a questão de como os “erros” se relacionam com a vida mediante a conservação da espécie.

porque o conhecimento como meio de vida significou a necessidade de simplificar e estabilizar as informações do meio ambiente para fins de sobrevivência. Um mundo percebido em constante transformação e em fluxo perpétuo ofereceria maiores dificuldades para a conservação da vida (ITAPARICA, 2015. p.206).

No aforismo “A origem do nosso conceito de conhecimento” Nietzsche relaciona a necessidade de conhecer com o medo do desconhecido:

Nossa necessidade de conhecer não é justamente essa necessidade do conhecido, a vontade de, em meio a tudo o que é estranho, inabitual, duvidoso, descobrir algo que não mais nos inquiete? Não seria o *instinto do medo* que nos faz conhecer? (NIETZSCHE, 2012. §355. p. 224) (grifos do autor).

Na luta pela sobrevivência de si e da prole é, sobretudo, o “instinto do medo” (*Instinkt der Furcht*) um dos responsáveis pelo conhecimento. De modo que a necessidade de conhecer é a necessidade do conhecido. Desse modo, é a necessidade de tornar aquilo que inquieta, que é inabitual e duvidoso em algo familiar e conhecido que deflagra a busca pelo conhecimento.

Quem, por exemplo, não soubesse distinguir com bastante freqüência o “igual”, no tocante à alimentação ou aos animais que lhe eram hostis, isto é, quem subsumisse muito lentamente, fosse demasiado cauteloso na subsunção, tinha menos probabilidade de sobreviver do que aquele que logo descobrisse igualdade em tudo o que é semelhante. (NIETZSCHE, 2012. §111. p.130).

A questão do instinto do medo aqui nos é importante porque permite identificar como Nietzsche coloca em xeque a concepção clássica do conhecimento associado à verdade. Naquilo que pensa o filósofo alemão é a um impulso, a um instinto, que o conhecimento ta associado. Aliás, vai assinalar que “não temos nenhum órgão para o *conhecer*, para a ‘verdade’: nós ‘sabemos’ (ou cremos, ou imaginamos) exatamente tanto quanto pode ser *útil* ao interesse da grege humana, da espécie”. (NIETZSCHE, 2012. §354. p.222) (grifos do autor). Ao assentar sobre instintos e impulsos a centelha para o conhecimento Nietzsche muda uma chave de interpretação. Não é a razão e a busca pela verdade, mas processos psicofisiológicos como o medo e a necessidade de segurança, por exemplo. Ao falar que nos falta um órgão para “o conhecer” o filósofo alemão desloca a razão de seu pretense patamar de superioridade lhe legado pela tradição.

A relação do intelecto com a conservação da espécie, nesse momento, não pressupõe a existência da verdade. Assim, o conhecimento está submetido a uma lógica utilitária de luta pela sobrevivência. Por longos intervalos de tempo o conhecimento prescindiu da verdade de tal forma que o organismo e o intelecto estavam adaptados aos erros: “Todas as suas funções superiores, as percepções dos sentidos e toda espécie de sensação em geral cooperavam com

aqueles antiqüíssimos erros fundamentais incorporados”. (NIETZSCHE, 2000. §110. p.185). Dessa forma, há um ajuste psico-fisiológico ao conhecimento. O instinto do medo que nos leva à busca do conhecer foi responsável pelo ajuste e preparo do nosso corpo para o mundo. Sobrevivemos “supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver!” (NIETZSCHE, 2012. §121. p.135). No entanto, não é apenas psico-fisiologicamente que o homem foi condicionado pelos errôneos artigos de crença. Eles penetraram no “interior do conhecimento”, na filosofia, e foram tomados como avalizadores do “verdadeiro e do falso” até em campos tomados como puramente intelectivos como a “pura lógica”, por exemplo.⁴

No entender de Nietzsche a tradição filosófica alçou a verdade como a condição mesma de todo o conhecimento; tornando-a início e finalidade. Início porque conhecer significou, em larga medida, buscar a verdade e finalidade porque sem a verdade o conhecimento aparece esvaziado, sem propósito. Contudo, Nietzsche desconstrói essa antiquíssima maneira de pensar retirando a verdade de seu pretense patamar de superioridade. Na luta pela sobrevivência não foi a verdade que balizou o conhecimento, mas um instinto.

É preciso analisar, ainda que minimamente, as implicações desse raciocínio nietzschiano para o seu entendimento a respeito do conhecimento. Nietzsche realiza dois afastamentos em relação à tradição filosófica clássica: o primeiro diz respeito à sua força motriz, ao seu impulso vetorial. O segundo diz respeito ao inatismo. O filósofo alemão compreende que o conhecimento não é impelido a partir de um motor racional que busca a verdade. “A *força* do conhecimento não está em seu grau de verdade, mas em sua idade, sua incorporação, seu caráter de condição para a vida.” (NIETZSCHE, 2000. § 110. p.184). Por segundo o conhecimento não é inato ao homem. Não é a inteligência quem deflagra a força motriz em direção ao conhecimento. Daí o dizer de Nietzsche que o homem carece de órgãos voltados ao conhecer (NIETZSCHE, 2012. § 354. p.222). Sendo assim o conhecimento é um processo de instintos e impulsos de luta pela conservação da espécie, que num ambiente hostil e ameaçador deflagra a formação de imagens e conceitos. É, dessa forma, que podemos entender a redução do múltiplo ao uno, do fluxo ao estancamento do real, etc. Não é por natureza que o homem é impelido ao conhecimento, mas por necessidade de segurança (o instinto do medo). O conhecer em si fica, nessa operação, submergido à dinâmica pulsional da

⁴ Não há espaço no artigo para debater tal questão. De modo que iremos apenas apontá-la. Escreve Nietzsche: “Mas a tendência predominante de tratar o que é semelhante como igual – uma tendência ilógica, pois nada é realmente igual – foi o que criou todo fundamento para a lógica. [...] por muito tempo foi preciso que o que há de mutável nas coisas não fosse visto nem sentido; os seres que não viam exatamente tinham vantagem sobre aqueles que viam tudo ‘em fluxo’”. (NIETZSCHE, 2012. § 111. p.130).

luta pela sobrevivência diante de uma realidade caótica e incerta. Não é para saber mais, nem para acumular dados e conceitos que o ser humano busca conhecer, mas para não sucumbir diante do inaudito, do inesperado.

A compreensão de Nietzsche sobre o conhecimento, assinalada no aforismo 110, coloca outros afastamentos importantes e significativos frente ao tratamento clássico da questão. Entre eles à relação sujeito e objeto. Muitas concepções ao longo da história da filosofia entendem o conhecimento como uma relação entre sujeito e objeto. Assim, a problematização se dá em como o sujeito pode apreender o objeto, quais os limites da mente humana em desvelar os objetos do mundo ou como se pode adequar a mente para melhor captar aquilo que é externo a ela. Ao assentar a preponderância nos impulsos e instintos Nietzsche recusa o conhecimento como um desprendimento da relação entre sujeito e objeto. Não importa assim, a reflexão sobre como a mente pode tornar conhecido algo desconhecido ou qual o poder que ela possui na construção de tais conhecimentos. O filósofo classifica como um errôneo artigo de crença a forma de conhecimento que busca apenas tornar conhecido aquilo que é desconhecido. A concepção filosófica clássica ao propor a ancoragem do conhecimento na relação sujeito/objeto transforma este num instrumento e instaura, assim, uma separabilidade entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido, como se fossem duas instâncias separadas. Estanca-se, dessa forma, o fluxo perpétuo da vida no qual é impossível a separação entre o homem e o mundo. (FOGEL, 2003. p.91).

A concepção de conhecimento que se desdobra da relação sujeito objeto traz insuficiências, no entendimento do filósofo de *A gaia ciência*, porque coloca o conhecimento numa situação de mediador entre o objetivo e o subjetivo, como uma “ponte”, um elemento de ligação entre dois pólos. Se o conhecimento for entendido como “meio” a problemática passa a ser, portanto, a resolução entre o “interno” e o “externo”. (*Idem; Ibidem*). No entanto, não parece ser este o entendimento de Nietzsche. A separabilidade entre o homem e o mundo, entre o sujeito e o objeto escamoteia o real problema do conhecimento. Ou seja, instaura uma separabilidade entre conhecimento e vida justamente aquilo que Nietzsche busca evitar em sua análise. Mais do que isso, ao dizer que a filosofia incorporou os artigos de crença originados dos erros do intelecto Nietzsche acusa a tradição de perpetuar esses erros transformando-os em supostas análises desinteressadas.

Na crítica de Nietzsche aos artigos de crença é necessário, ainda, fazer mais duas distinções importantes. Primeiro, o conhecimento não consiste num domínio metodológico no

sentido de captura do ser do real ou da constituição íntima da realidade. Desse modo, não há um método enquanto instrumento para construir o conhecimento. Não basta, portanto, dominar um conjunto de regras e procedimentos lógico-conceituais na busca por princípios. A segunda distinção encontra-se igualmente ligada à recusa da abordagem epistemológica. As perguntas sobre a origem, a natureza e finalidade do conhecimento encontram-se elas próprias impregnadas por interesses de ordem prática. Dessa forma, não há um conhecimento que se dirige automaticamente para a verdade. Mais uma vez são os errôneos artigos de crença que dão as caras aqui e “contaminam” as posições das diversas filosofias.

A relação entre conhecimento e vida é central no aforismo e Nietzsche problematiza o surgimento de contradições entre conhecer e viver. “Onde viver e conhecer pareciam entrar em contradição nunca se combateu a sério; ali negação e dúvida eram tomadas como tolice”. (NIETZSCHE, 2000. § 110. p.184).⁵ Os “errôneos artigos de crença” surgiram como ligação entre conhecimento e vida. Conceber o conhecimento dessa forma foi necessário para a sobrevivência e para a perpetuação da espécie. No entanto, Nietzsche chama a atenção para o fato de que os erros que foram plasmados e sedimentados através dos costumes e dos hábitos condicionaram fisiologicamente e intelectualmente os homens. Desse modo, a questão que se apresenta é e se em algum momento existir um descompasso, uma contradição entre conhecer e viver? Nietzsche relata que no primeiro momento de aparecimento dessa contradição não houve sérias lutas. Toda vez que essa contradição surgia a dúvida e a negação eram excluídas como loucura. Isto é, toda vez que alguém se contrapunha aos erros do intelecto a contraposição era negada ou excluída. Sendo assim, os negadores da forma de conhecimento que estancava o fluxo, a multiplicidade, etc. e concebia o uno e indivisível eram excluídos e postos à margem.⁶

⁵ Nesse ponto da discussão Nietzsche fala dos eleatas, cujo principal representante era Parmênides de Eléia. Esses “pensadores de exceção estabeleceram e se ativeram aos opostos dos erros naturais. Contudo, atribuíram ao homem à intuição imutável, impessoal e universal. Dessa forma, compreenderam mal a natureza do homem do conhecimento e tiveram que negar a força dos impulsos no conhecimento e, em geral, aprender a razão como atividade inteiramente livre, de si mesma originada”. (NIETZSCHE, 2000. § 110. p.184). Também os eleatas, no dizer de Nietzsche ansiavam por tranquilidade quando se tratava de conhecer, ainda que desenvolvessem suas formulações radicalizando justamente o oposto dos erros fundamentais, como a indivisibilidade, a identidade, a coesão, a integridade do ser. Contudo, os eleatas manobravam para poder afirmar dois princípios contraditórios à vida: o real é uno e imutável e o homem do conhecimento possui intuição una e imutável; a multiplicidade e a fluidez eram entendidas como aparente e ilusória.

⁶ Nietzsche se refere ao perigo para a vida representado pela propensão cética e pela dúvida. “Nenhum ser vivo teria se conservado, caso a tendência oposta de afirmar antes que adiar o julgamento, de errar e inventar antes que aguardar, de assentir antes de negar, de julgar antes que ser justo – não tivesse sido cultivada com extraordinária força. – O curso dos pensamentos e inferências lógicas, em nosso cérebro atual, corresponde a um processo e uma luta entre impulsos que, tomados separadamente, são todos muito ilógicos e injustos; habitualmente experimentamos apenas o resultado da luta: tão rápido e tão oculto opera hoje em nós esse antigo mecanismo”. (NIETZSCHE, 2012. § 111. p.130).

A verdade aparece, dessa forma, muito tempo depois como a mais fraca (ou a menos forte) forma de conhecimento. O ceticismo se desenvolveu sempre que “duas proposições opostas apareciam como *aplicáveis à vida*” (NIETZSCHE, 2000. §110. p.185). Ou seja, estavam relacionadas ao grau de utilidade para a vida ou eram manifestações do “lúdico impulso intelectual” (nem úteis nem prejudiciais). O surgimento do ceticismo trouxe consigo a luta entre impulsos rivais e contraditórios que almejavam a mesma coisa. Ou seja, os impulsos dependentes dos antigos artigos de crença (medo, desejo de segurança) e os impulsos pela verdade entraram em uma luta sem trégua. É do âmago do ceticismo que gradualmente o cérebro humano foi preenchido com juízos e convicções e se produziu luta e ânsia de poder. Nesse momento Nietzsche parece identificar o surgimento de algo novo, capaz de tomar partido na relação entre conhecer e viver: a profusão de impulsos contrários que começam a tomar partido e anseiam por domínio.

Pouco a pouco encheu-se o cérebro humano de tais juízos e convicções, surgiu nesse emaranhado fermentação, combate e apetite de potência. Não somente utilidade e prazer, mas toda espécie de impulsos tomava seu partido no combate pelas “verdades”; o combate intelectual tornou-se ocupação, estímulo, vocação, dever, dignidade -; o conhecer e o esforço em direção ao verdadeiro acabaram por entrar, como uma necessidade, na ordem das outras necessidades. (*Idem; Ibidem*).

Nesse momento duas questões que estavam separadas encontraram-se. Isto é, os impulsos da busca pela verdade, que até então eram a forma mais fraca do conhecimento, tornado um poder em continuo crescimento passam também a fazer parte da vida. O aparecimento dos impulsos pela verdade provoca um combate sem tréguas com os instintos do medo e de segurança. Ambos passam a fazer parte da vida, ambos anseiam por domínio. É na figura do pensador, através da luta intelectual, que o combate entre os impulsos encontra seu terreno de batalha. Assim, a luta intelectual torna-se dever, profissão, etc. É nesse preciso momento que o conhecimento e a busca pela verdade se incluem como a necessidade entre as necessidades. Ou seja, aquilo que a tradição entendia como o âmago mesmo de toda a busca por conhecimento é para Nietzsche um combate intestino e subterrâneo entre impulsos em ânsia por domínio que almejam fazer parte da vida.

O conhecimento tornado parte da vida mesma choca-se com os antiquíssimos artigos de crença. Os dois sendo poder, os dois sendo vida e os dois no mesmo homem, como sugere Nietzsche. Na figura do pensador se coaduna o combate entre os diversos impulsos que tomam partido na luta pelo conhecimento. Assim como os antiquíssimos erros os impulsos para a verdade passam a ser condição para a sobrevivência da espécie e também provaram ser

um poder conservador da vida. “O conhecimento tornou-se, pois, um pedaço da própria vida e como vida uma potência em constante crescimento”. (*Idem; Ibidem*).

É na figura do pensador que Nietzsche identifica a luta travada entre os impulsos: “O pensador: este é agora o ser em que o impulso à verdade e aqueles erros conservadores da vida combatem seu primeiro combate” (NIETZSCHE, 2000. §110. p.185). Esse não é um combate qualquer, mas o combate dos combates diante do qual tudo o mais fica indiferente. Está em jogo a pergunta pela condição da vida. O combate entre os erros fundamentais e a busca da verdade coloca na ordem do dia a questão: “Até que ponto a verdade suporta a incorporação? – eis a pergunta, eis o experimento”. A pergunta adquire uma gravidade central para o pensamento de *A gaia ciência* porque a sugestão de Nietzsche através do experimento proporciona uma inversão na relação entre conhecimento e vida. Se antes o conhecimento era um meio para a vida a questão a ser posta na ordem de dia é a vida como meio de conhecimento. Dessa forma, Nietzsche assume o perspectivismo sobre o conhecimento e a verdade e propõe uma inversão: não mais o conhecimento como meio de vida, mas a vida como uma experiência do conhecimento.

Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa – desde aquele dia em que veio a mim o grande libertador, o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer – e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça! – É o conhecimento mesmo: para outros pode ser outra coisa, um leito de repouso, por exemplo, ou a via para esse leito, ou uma distração, ou um ócio – para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heróicos têm seus locais de dança e de jogos. ‘A vida como meio de conhecimento’ – com esse princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente! (NIETZSCHE, 2012. § 324. p. 191).

O conhecimento entendido como “leito de repouso”, “distração” ou “um ócio” significa o entendimento de que basta conhecer para que toda a realidade se mostre, se desvele. O que Nietzsche diz é justamente o contrário, o conhecimento não encerra o mistério e os perigos da vida, haja vista, ser a vida um meio de conhecimento não neutro ou ascético.

Nietzsche fustiga os filósofos da tradição clássica em duas frentes de batalha: ao dizer que o conhecimento não é um “leito de repouso” ou “ócio” Nietzsche recusa um conhecimento que serviria apenas para garantir segurança, “tornar conhecido o desconhecido”. (NIETZSCHE, 2012. §355. p. 224). Então, não temos mais perigos e mistérios? Interroga o filósofo. O segundo *front* de batalha de Nietzsche diz respeito justamente a possibilidade de que o conhecimento não encerrar os mistérios, os perigos da existência. Ao contrário de buscar o saber para afastar os perigos, os mistérios, o que Nietzsche propõe é justamente a incorporação do risco e dos mistérios a um saber valente e alegre. Ou seja, a um *gaio* saber.

Considerações finais

Uma *gaia* ciência ou um *gaido* saber está, no entender de Nietzsche, posto na ordem do dia. O desenvolvimento, com o conseqüente ultrapassamento, do ceticismo e o conflito entre impulsos rivais abre uma clareira de possibilidade de a vida ser alçada como meio de conhecimento. A sugestão de Nietzsche para a “resolução” da luta intestina entre os impulsos dependentes dos artigos de crença e dos impulsos para a verdade é a experimentação. Experiência deriva do latim “*experientia*” que significa prova, ensaio, tentativa, etc. A palavra “*experientia*” é formada pelo prefixo “*ex*” que pode ser entendida como exteriorização, movimento para fora, etc. e também pelo “*per*” de percurso, passar através de, etc. Dessa forma, a etimologia da palavra remete a um movimento, um percurso, que se exterioriza. No entanto, esse movimento carrega uma dose de perigo e imprevisibilidade, haja vista, que experiência deriva da palavra “*experiri*” que comporta o “*periri*”, o “*periculum*”, ou seja, o perigo. (OLIVEIRA, 2009, p.150). Duas questões se encontram, assim: o conhecimento entendido como meio para a vida é a resultante deflagrada através do predomínio de um instinto, a saber: o medo. É o medo diante da insegurança, do inaudito, do inusitado a força propulsora para o saber. O conhecimento é a resposta para uma vida de perigos. A vida entendida como meio de conhecimento e experimentação não encerra nem elimina o perigo, o inédito. Contudo, as respostas diante desse perigo são radicalmente diferentes. É possível viver não apenas aceitando-o, mas entendendo-o como necessário. A vida como meio de conhecimento não faz deste um “meio de repouso”, de contemplação, mas um “mundo de perigos e vitórias” na qual os “sentimentos heróicos”, o “viver valentemente” e o “rir alegremente” encontram participação, “locais de danças e jogos”. (NIETZSCHE, 2012. § 324. p. 191).

A inversão proposta por Nietzsche adquire uma gravidade que não se pretende ser solucionada em *A gaia ciência*. Contudo, o tensionamento levantado pelo filósofo tem o mérito de repensar a questão do conhecimento em outras bases que não aquelas assinaladas pela tradição ao longo do tempo. Nietzsche propõe que a verdade, a forma menos forte de conhecimento, tenha a possibilidade de sua incorporação quando a vida for um meio de conhecimento e não o conhecimento como meio de vida. Mas a pergunta ao final do aforismo

110: “Até que ponto a verdade suporta ser incorporada?” (NIETZSCHE, 2000. § 110. p.185) deixa entrever que essa tarefa, embora posta como possibilidade, é para tempos vindouros e ainda não foi concretizada.

A experimentação, a vida como meio de conhecimento, permite a Nietzsche solapar a visão tradicional que propõe o conhecimento baseado na razão e tendo como motor de partida e finalidade a verdade. Para Nietzsche a tradição inadvertidamente escamoteou o real problema do conhecimento ao não colocar em cena a profusão dos impulsos e dos instintos como propulsores. A figura do pensador aparece como uma espécie de síntese do conflito entre os instintos daí “a violência e súbita exaustão que atinge todos os pensadores” (NIETZSCHE, 2012. § 195. p. 333). É a exaustão do campo de batalha, diz Nietzsche.

Ao longo do aforismo a concepção de Nietzsche a respeito da relação entre conhecimento e vida põe sobre suspeição inúmeros entendimentos da tradição filosófica clássica. O principal deles reside na redefinição do próprio conhecimento. No prólogo de *A gaia ciência*, escrito quatro anos após a obra (1886), o filósofo alemão escreve: “Após uma tal interrogação de si mesmo, experimentação consigo mesmo, aprendemos a olhar mais sutilmente para todo o filosofar que houve até agora”. (NIETZSCHE, 2012. Prólogo, p.11). Olhar para todo o filosofar que houve até agora pressupõe, para Nietzsche, colocar sob suspeição questões consideradas caras pela tradição. A verdade é certamente a mais visível delas, mas igualmente a relação sujeito e objeto e os erros produzidos pelo intelecto. A questão do sujeito do conhecimento e o do objeto do conhecimento é peremptoriamente recusada por Nietzsche como uma dicotomia inexistente, haja vista, provocar uma cisão entre o homem e a vida. A vida como meio de experimentação recusa colocar o conhecimento como uma ponte entre o sujeito que busca conhecer e o objeto a ser conhecido. Ao mover o assento para a questão dos impulsos e dos instintos, assinalando o pensador como a figura na qual esse conflito acontece, Nietzsche propõe o caráter perspectivístico e humano de todo conhecimento. É na profusão, na luta e no domínio de diversos impulsos que o homem busca o conhecimento.

Referências

FOGEL, G. **Por que não teoria do conhecimento?** Disponível: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/issue/view/561>. Acesso: Outubro de 2019.

ITAPARICA, A. **Crença e conhecimento em Nietzsche.** In: Cadernos Nietzsche: Porto seguro/Guarulhos, v.36, n.2, 2015.

NIETZSCHE, F. **Die fröhliche Wissenschaft.** Disponível: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/FW>. Acesso: novembro de 2019.

_____. **A gaia ciência.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

_____. **Obras Incompletas.** Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril cultural, 2000. (Coleção os pensadores).

OLIVEIRA, J. R. **O experimentalismo contra os idealismos nos escritos intermediários de Nietzsche.** Disponível: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/767>. Acesso: Outubro de 2019.